

**“NARRAR A VIDA E LITERATURIZAR AS CIÊNCIAS”:**

notas em torno de, pesquisa, escrita e experiência

**Luciana Borges de Lisboa**

Universidade Nacional de Rosário

<https://orcid.org/0009-0004-6312-3777>

**Tiago Ribeiro**

Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES)

<https://orcid.org/0000-0003-4999-7852>

**Adriane Ogêda Guedes**

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

<https://orcid.org/0000-0001-5632-4539>

**RESUMO:**

O texto partilha reflexões e ideias em torno de modos e maneiras de habitar e partilhar a pesquisa em viés narrativo. A partir de percursos investigativos singulares, colocamos em relevo princípios e gestos que polinizam ações investigativas orientadas pela experiência e pela narrativa em educação, assumindo os cotidianos como lugares praticados e como *epistemometodologia* comprometida com a visibilização e legitimação de saberes e fazeres. Defendemos o ato da pesquisa como gesto político que pode visibilizar contextos singulares e saberes locais, cartografando práticas e experiências que reafirmam a relação pedagógica e a relação educativa como *espaçotempo* de resistência e produção de liberdade.

**PALAVRAS-CHAVE:** investigação educativa. narrativa. experiência. cotidianos.

**"NARRATING LIFE AND LITERATURIZING THE SCIENCE":**

notes around research, writing and experience

**Abstract**

The text shares reflections and ideas on ways of inhabiting and sharing research with a narrative bias. Based on unique investigative paths, we highlight principles and gestures that pollinate investigative actions guided by experience and narrative in education, assuming everyday life as practiced places and as an epistemomethodology committed to making knowledge and actions visible and legitimate. We defend the act of research as a political gesture that can make unique contexts and local knowledge visible, mapping practices and experiences that reaffirm the pedagogical relationship and the educational relationship as a space-time for resistance and the production of freedom.

**KEYWORDS:** educational research. narrative. experience. everyday life.

**"NARRAR LA VIDA Y LITERATURIZAR LA CIENCIA:**

notas sobre investigación, escritura y experiencia

## Resumen

El texto comparte reflexiones e ideas sobre formas de habitar y compartir la investigación con sesgo narrativo. A partir de trayectorias investigativas singulares, destacamos principios y gestos que polinizan acciones investigativas orientadas por la experiencia y la narrativa en educación, asumiendo la cotidianidad como lugares practicados y como *epistemometodología* comprometida con la visibilización y legitimación de saberes y haceres. Defendemos el acto de investigar como gesto político que puede visibilizar contextos singulares y saberes locales, cartografiando prácticas y experiencias que reafirman la relación pedagógica y la experiencia educativa como *espaciotiempo* de resistencia y producción de libertad.

**PALABRAS CLAVE:** investigación educativa. narrativa. Experiencia. cotidianos

## 1 INTRODUÇÃO

Este texto é fruto de conversações tecidas no bojo do desenvolvimento de pesquisas educativas que assumem a narrativa em sua tripla dimensionalidade: como método investigativo e fenômeno investigado, tal qual propõem Clandinin e Connelly (2015), e como gênero privilegiado para a partilha de nossas investigações (Ribeiro, 2019). Cumpre sublinhar que, neste ensaio, não nos propomos a discutir a realização nem os resultados de nossas ações investigativas, senão convidar a pensar acerca dos processos escriturísticos delas, tecidas narrativamente nos/dos/com os cotidianos escolares e/ou educativos, passando pela educação estética, pela formação docente, pelo encontro entre educação e palhaçaria e, ainda, pela educação bilíngue de surdos e suas interfaces.

A preocupação sobre modos e maneiras de compor, registrar e partilhar nossas investigações não é nova. Muito pelo contrário, atende a um movimento rico e plural em torno de pesquisas que se distanciam de ideias como certeza, verdade, objetividade, generalização e controle. Movimentos a que Nilda Alves (2008) chama atenção, ao propor um desafio necessário e polinizador: narrar a vida e literaturizar a ciência. E por que este desafio e convite de Nilda, no importante livro *Pesquisas nos/dos/com os cotidianos das escolas* nos insta a *escreverpensar?*

Essa pergunta nos territorializa no espaço ético, estético, poético e político de pesquisas que afirmam a indissociabilidade entre a experiência vivida e a

produção do conhecimento, isto é, entre a pesquisa e a vida mesma (Godoy; Ramallo; Ribeiro, 2023). Pesquisas que assumem a narrativa como dispositivo privilegiado e as metodologias como gestos inventivos e criadores, minúsculos e livres das amarras dos cânones impositivos de modos de produzir conhecimento engessados (Guedes; Ribeiro, 2019). Portanto, estamos falando de ações investigativas que se orientam à experiência e aos sentidos dela decorrentes, produzidos pelos sujeitos a partir do que vivem, de suas trajetórias, histórias e experiências (Godoy; Ramallo; Ribeiro, 2022). Daí afirmamos um giro hermenêutico que explode a dissociação entre o que é pesquisado e quem pesquisa: somos partes do que investigamos; constelamos com aqueles com quem, supostamente, são “investigados”.

No amplo contexto da experiência pedagógica, podemos aludir a um universo de conexões sutis e intrincadas, complexas e diversas em que pulsam distintos sentidos, ideias, concepções e práticas que se entrelaçam e/ou se afetam, retroalimentando-se ou mesmo tencionando-se no *espaçotempo* dos cotidianos educativos. Compreendemos os cotidianos não apenas como lugares praticados (Certeau, 2012), mas como uma *epistemometodologia* (Esteban, 2003) que orienta certos modos de conceber o sujeito, o conhecimento e sua produção afirmativamente. Trata-se, então, de um compromisso com a experiência encarnada, com os *saberesfazeres* tecidos na relação entre *praticantespensantes* dos cotidianos que fazem dele lugar de resistência, de invenção, de produção de liberdade (Oliveira, 2023). Quando falamos dos cotidianos, estamos falando dos contextos vividos pelas pessoas, sim, mas também de um campo de conhecimento e pesquisa que compreende essas mesmas pessoas como grávidas de saberes, conhecimentos, histórias, trajetórias, experiências...

Cotidianos<sup>1</sup>

(À Nilda Alves e ao GE Cotidianos da Anped)

---

<sup>1</sup> Poema de Tiago Ribeiro

O cotidiano não cabe no cotidiano:  
transborda;  
espicha sempre um pouco além do que a linguagem dá conta,  
do que os passos alcançam,  
do que o próprio além pode imprimir.

O cotidiano não cabe no cotidiano:  
esgarça os limites  
(farrapos de trincheiras já sem cor);  
estilhaça ideias cristalizadas  
(pão duro e borolento, sem sabor e sem textura...).

O cotidiano não cabe no cotidiano:  
polinoza os sentidos -  
tateios e escutas -  
com todo o corpo...  
encarnado  
excitado  
atento  
aberto  
infindo.

O cotidiano não tem limites porque o corpo não tem limites:  
performa, samba, desliza.  
Na cadência dos pés  
inventa caminhos, dança.  
É sempre um pouco mais além de si mesmo.  
Plural, plurais:  
cotidianos.  
Corpos que dançam e escrevem.  
Corpos que tremem.  
Corpos vivos.

O cotidiano não cabe, não,  
no cotidiano...  
Cotidianos.  
Ploriferam;  
são terra fértil e areia fofa,  
brotação e pegada deixada no andarilhar da vida;  
sementes que parem florestas,  
florestas que parem sementes...  
passos e marcas que inventam caminhos.

Difícil o mergulho inicial:  
pura artistagem na arte sagrada de traquinar meninagem  
na tessitura de nossas vidas bonitas.  
Indagações afetivas da vida que constela,  
da presença que conversa,  
dos silêncios que são gritos.

Escutar o mundo visualmente,  
empretecer a mirada,  
latinizar nossas linguagens,  
polifofinizar as vozes em nossas conversas...  
e já afirmar presenças.

*Pesquisamosvivemospensamossentimos:*

presenças.

Outres em mim,

outres em nós:

nós outres,

nosotres.

Nos ecos do cotidiano,  
escuta visual e ir ao encontro de outra presença:

brincar com a linguagem,  
fazer meninagem,  
afirmar mundos de sentidos em nossos próprios mundos...

Cotidianos:

forças que nos sacolejam de nós mesmas,  
ruas cheias de gentes e cores e cheiros e sabores.  
Roçar com os pés os territórios que nos constituem...  
Meninar a vida, como os ibejis,  
como Paulo Freire,  
para vencer a morte e ressuscitar noss@s viv@s.

Os cotidianos são territórios epistêmicos, políticos, poéticos, éticos, estéticos; são lugares praticados marcados pela pluralidade, pelas diferenças, pela diversidade, pela multiplicidade, pelo comunitário, pela singularidade, pelo encontro com a alteridade. Nesse espaço complexo, vivo e vibrante, somos praticantes, pensantes, errantes, inacabados, narradores. Ao mergulhar nesses cotidianos, buscamos compreender os processos educativos vividos/ desenvolvidos, colocamos em indagação a própria experiência e relação educativa. Na medida em que intentamos entender melhor esses fenômenos, também estamos na busca da compreensão de nós mesmos, dos fios de sentidos e saberes que nos tecem, como afirma Ferraço (2003). Isso porque a vida é tecida narrativamente: por meio das histórias contadas e a nós contadas é que compomos nossos cenários e sentidos vitais (Ricoeur, 2010; Krenak, 2019).

Compreender que nos tornamos quem estamos sendo por meio das narrativas (histórias, mitos, relatos...) que nos contam e que (nos) contamos implica na compreensão de que as fronteiras pessoais são zonas de encontro, não limites. Estamos suscetíveis às ressonâncias do outro porque também somos compostos por ele. E é nesse encontro com a alteridade que nos deparamos/ tecemos nossa identidade, pois somente quando nossos corpos são atravessados pelo sentir do outro ou pela pele desconhecida, temos a

consciência de quem somos. Precisamos da experiência vivida com o outro, da ressonância de uma outra vida, para que a nossa também ressoe: somos constelações e fricções.

A filosofia das diferenças, com sua ideia de devir, defendido por Deleuze e Guattari (2012), também nos dá a pensar que é na relação com o outro, sem perder nossas próprias singularidades, que somos convidados a experimentar outras formas de sentir, implicando em nós uma percepção outra dos sentidos que nos afetam. Então, talvez valha a pena perguntarmos: assumindo a vida, o cotidiano, o sujeito e a pesquisa como experiências alteritárias, comunitárias e consteladas, é possível seguir insistindo e investindo em formas desvitalizadas, normatizadas, normalizadas, meramente técnicas e supostamente neutras e objetivas de compor, registrar e partilhar nossas investigações e textos investigativos?

Acreditamos que não. Temos buscado plasmar e performar outros modos, e essa busca é que fomenta este ensaio. Damos as mãos a Nilda Alves (2008), nossa mestra, e, como em uma ciranda, mexemos os nossos corpos e entoamos o canto em uma dança-convite circular: para produzir outras textualidades, corporalidades, vozes e sentidos, há que se buscar outros modos de ser, estar e habitar! Que tal, então, “narrar a vida e literaturizar a ciência” como gestos vitais na pesquisa em educação?

## **2 NARRAR A VIDA: GESTO POLÍTICO, VITAL E INVESTIGATIVO**

Na continuação de nossos passos, partilhamos a ideia do narrar a vida (o mundo e a nós mesmos) como condição vital, como nos ensina Ailton Krenak (2019). As vozes de Ailton e Nilda polifonizam as nossas. Narrar é fenômeno investigado, “método” de investigação e gênero privilegiado para partilhar nossas pesquisas, sim... Mas narrar também é condição para, nas palavras de Krenak, adiar o fim do mundo, indagar verdades cristalizadas, borrar nossos preconceitos, pluralizar nossos olhares, polinizar nossas compreensões. Narrar,

portanto, para tornar presente e pulsante contextos miúdos, experiências minúsculas, práticas vividas, saberes locais, redes de conhecimentos...

Narrar para ressuscitar os vivos.

Narrar para fazer pulsar nossos corpos, vozes, histórias, experiências.

Narrar para fazer do mundo um lugar mais polifônico, plural, polissêmico.

Narrar como gesto político:

(...) gestos políticos são minúsculos, mínimos, tecidos no aqui e agora, entre nós; são fruto de relação, convite à escuta e autolibertação de si mesmo: afirmação de modos singulares de existência no mundo; vozes, corpos, vibrações, presenças, territórios... (...)

Gestos políticos: movimentos de invenção e transformação de si e das relações em seu curso – com outros, com o mundo, com os saberes e as produções culturais, artísticas, éticas, estéticas e políticas disponíveis. Uma constelação – de saberes, sabores, cores, texturas, histórias, biografias, travessias, narrações, mitos... Ecologias. Multiplicidades. Força e pulsação que possibilitam a todos e a qualquer um o ato de compreender-se como sujeito potente e legítimo no mundo, na conversação (Ribeiro; Skliar, 2020, p. 20-21).

No contexto das pesquisas educativas, compreendemos que as narrativas ajudam a combater políticas de silenciamento, apagamento e negação plasmados por meios de discursos que buscam obliterar a boniteza dos cotidianos e os saberes dos professores. Por isso, assumimos que narrar a vida, em nossas ações investigativas, é gesto vital, político e investigativo. Gesto grávido de vida, comprometido com uma ciência encarnada, viva, pulsante, complexa, que busca afirmar a força dos sujeitos *praticantespensantes* e a fecundidade dos cotidianos e das relações. Daí a opção pelos relatos, pelas histórias de vida, pelas conversas, pela narração. Daí o mergulho no convite de Nilda Alves. Porque é importante não deixar na clandestinidade tudo o que é produzido e criado nos cotidianos, nas relações entre sujeitos, para além dos discursos obscurantistas e negacionistas, comprometidos com políticas privatistas da educação.

Não à toa, o relato de experiência figura como importante dispositivo de visibilização e afirmação dos cotidianos e seus *praticantespensantes*, sendo a narrativa um gênero que traz densidade, por meio do qual se pode ampliar o debate e expandir o mergulho com todos os sentidos nos cotidianos vividos

(Alves, 2008), para que seja possível perceber e capturar detalhes, miudezas, o não dito da experiência viva. Acreditamos que, nos relatos de experiências, há frestas que guardam pistas capazes de nos conduzir a experimentação de maneiras outras de pesquisar, ler, indagar e compreender os processos e relações educativas. Portanto, falamos de investigações que se conectam com os modos de sentir e que consideram a singularidade e a coletividade envolvidas nesse fazer.

Nesse sentido, reivindicamos possibilidades de plasmar e grafar a pesquisa escrevendo para além das letras, das normas, das regras. Uma escrita que dança, pensa, sente, cheira, pulsa, sorri, conversa, indaga, declara, duvida, galhofa, convida, dar saltos, conecta fios de distintas texturas.

Nossas ações investigativas são políticas, poéticas, complexas: acompanham e buscam cartografar movimentos vivos; relações éticas, estéticas; práticas políticas e poéticas. Envolvem e são envolvidas por universos carregados de significados, sentidos e emoções, onde os corpos se entrelaçam, as vozes se entrecruzam e as experiências singulares reverberam e se implicam em uma trama de relações. Por meio do gesto de narrar – político, poético, ético, vital e investigativo -, podemos nos dar conta e discutir sobre fios invisíveis que conectam os sujeitos nesse contexto tão múltiplo, bem como as histórias que nos atravessam e mudam o rumo da prosa: no encontro com o outro, o acontecimento da relação educativa pode transformar nossos olhares, sentidos, caminhadas.

Ao nos aproximarmos dessas histórias vividas, observamos que cada corpo carrega consigo uma bagagem única de afetações, fruto das complexidades experimentadas na intrincada trajetória da vida, onde cada olhar, cada gesto, cada palavra trocada tem a potência de deixar sua marca indelével no outro. A narrativa permite-nos transitar, passear e mergulhar nesse terreno fértil, aproximarmo-nos de subjetividades múltiplas, histórias distintas, trajetórias plurais, sentidos vários. Ela é, por si, polifônica, mesmo quando autoral, individual (Ferraço, 2003). É através dessas histórias compartilhadas que podemos compreender mais profundamente as dinâmicas e os desafios desse espaço de aprendizagem e convivência.

Ao tencionarmos as narrativas e os mundos e oceanos de sentidos que carregam, podemos perceber tensões, alegrias, angústias e esperanças que permeiam o ambiente escolar, a relação educativa, a prática pedagógica. Aí residem concepções, sentidos, entendimentos, desafios, possibilidades. Por isso, defendemos que, nos nossos movimentos de pesquisa, *cartografamos narrativamente* os cotidianos e as relações. *Cartografia narrativa* é uma opção e uma possibilidade de visibilizar o vivido, de legitimar *saberes-fazer*es singulares, comunitários e locais, de acompanhar, registrar e indagar a experiência!

Ao assumirmos que o que fazemos é uma forma de cartografar narrativamente a experiência e a relação educativas, é preciso sublinhar que não somos protagonistas de nossas pesquisas. Em abordagens narrativas, a pesquisa tem seu protagonismo compartilhado: os participantes são sujeitos protagonistas de suas próprias histórias, têm voz, fruto de experiências encarnadas e vitais, singulares. Narrar, portanto, é também uma tentativa de romper o distanciamento entre “pesquisador” e “pesquisado”. Essa dicotomia perde todo o seu sentido; o dito protagonismo é co-praticado, e as cartografias são desenhos coletivos que os praticantes pensantes performam em comunidade (Godoy; Ramallo; Ribeiro, 2022).

A narrativa (e o gesto de narrar a vida em nossas pesquisas) transborda. Ela é vital, congrega histórias, múltiplas vozes, experiências, sujeitos, encontros (não é demais lembrar!). A narrativa existe porque existe a alteridade, a relação, a conversa, a palavra própria: narramos porque somos sujeitos coletivos, tornamo-nos na relação com outros, nas conversações tecidas, nas histórias partilhadas, nas trocas. Implica outra linguagem, para além da crítica, do juízo, do dedo sempre apontado, como se pudesse ter a resposta certa para tudo. A linguagem da narrativa não é a da certeza, da explicação, do fato nem da solução. Talvez seja da aproximação, da conversação, da indagação, da afetação.

Narrar é um convite a conversar, porque a conversa implica escuta, abertura, cuidado, atenção, calma, dar-se tempo e espaço para estar junto, deixar ressoar a presença do outro e sua presença (Ribeiro; Sampaio; Souza, 2018). Conversar e narrar possibilitam aprofundar o debate sobre essas histórias

entrelaçadas, ir em busca de pistas valiosas para uma compreensão mais sensível, polifônica e polissêmica. Nesse sentido, compartilhamos duas experiências vividas por duas das autoras do texto, como forma de narrar e convidar à conversa. Lembramos que uma experiência é do campo do sensível; não é escolhida, mas nos escolhe, acolhe, sacoleja, inquieta: acontece.

### **3 NARRAR A VIDA: UM JEITO DE LITERATURIZAR A CIÊNCIA? (EM FORMA DE CONSIDERAÇÕES FINAIS)**

Entoamos o canto e damos corpo à dança: evocamos no bailado de nossas palavras duas experiências vividas por autoras deste texto. Escrever é também dar bailado às palavras. Assumimos esta escrita também como coreografia narrativa, artesanania urdida de palavras, células, ideias e corpos. Evocar e narrar experiências é, para nós, já um gesto grávido de beleza, de uma estética própria que entende a vida como manancial de questões, de perguntas, de ideias, de bonitezas a desbravar, inventar, tencionar com as palavras próprias, porque a narrativa é também a própria carne e pele de quem narra.

“Palavras que de alguma maneira nos dizem respeito, ainda quando não é de nós que elas falam”... Nossas palavras sempre falam de nós e das outras, de multiplicidades, de multidões. Constelações de vozes povoam nossas palavras! Por isso, cada vez mais, a ideia de *escrevivência*, cunhada pela nossa preta velha Conceição Evaristo, vem sendo assumida como dispositivo investigativo e metodológico, ou, ainda, como metodologia de pesquisa (Silva, 2022). Porque a *escrevivência* não fala apenas da experiência singular do sujeito, senão dessa experiência singular que também ressoa vivências de outras, histórias coletivas, dores e lutas partilhadas, movimentos coletivos... A *escrevivência* nunca é individual pura e simplesmente; ela fala de coletividade, de histórias partilhadas, de dores ancestrais.

Se a *escrevivência* foi pensada no contexto de um livro de literatura, acabou transbordando e sendo assumida e afirmada como dispositivo metodológico na produção de conhecimento, em áreas como Psicologia, Ciências Sociais e Educação (Duarte; Nunes, 2020). Isso mostra a força da

produção negra, de outras epistemologias e cosmologias, que, ainda quando falam em primeira pessoa e singularmente, evocam comunidades – comuns-  
unidades. Trazemos, por conseguinte, narrativas que são e/ou evocam  
escrevivências, senão nossas, das estudantes com as quais atuamos.

Às vezes contar histórias é abrir espaços para a dor passar. Nem sempre a contação de história é um momento simples, e hoje foi especialmente difícil para mim. Ao contar a história "Papai é meu", de Ilan Brenman, percebi que, no meio da contação, uma aluna, de aproximadamente 7 anos, abaixou a cabeça. Saquei que não era sono, que naquele momento a dor estava passando por ali, mas prossegui. No final, eu abri espaço para todos falarem, e muitos comentaram sobre os mais diferentes arranjos e experiências familiares. Aproveitei para falar sobre a minha também... e pensei:

- Ufa! Ficou tudo bem. A dor passou, mas não fez morada; ela deu só o ar da graça e se foi.

Que nada! Ela, a dor, estava lá escondidinha naquela aluna que abaixou a cabeça no meio da história! E eu só me dei conta quando a menina aproveitou o momento em que os outros alunos folheavam o livro, para chegar até a minha mesa, olhar profundamente nos meus olhos e dizer:

- Tia, você me magoou quando contou aquela história de pai. Eu sou adotada e não tenho pai. Eu fiquei triste.

A dor dela ressoou em mim. Minha garganta tratou logo de dar um nó e eu precisei respirar para acolher a dor, que era dela, e agora também era minha. E foi com o olhar profundo dela mergulhado no meu que eu disse:

- Tem histórias que têm o poder de nos fazer SENTIR. Nas histórias da vida real, nem todos têm pai, mas certamente você tem alguém que você ama, e nesse momento você tem a mim.

Ofereci meu abraço e ela logo se aninhou em meu peito. Contei para ela que essa dor, de vez em quando, ia visitá-la, e que ela podia deixar ela ficar um pouco ou não, mas que ela nunca deveria permitir que ela ficasse para sempre, porque a gente também precisa ser feliz. Eu não pedi desculpas por tê-la magoado, mas acho que ela entendeu que a dor é assim: não pede licença para entrar. Ela pode brotar de um livro, de uma canção ou sem razão, porque na verdade ela é parte de nós.

Às vezes, eu não consigo fazer, falar ou ajudar como gostaria... e é assim que me sinto hoje. Triste, porque a dor da impotência passou aqui. Em muitos momentos, me pergunto: Como eu seria sem a vivência do chão da escola pública? Sem a potência da literatura nas aulas, na relação com os alunos? Sem os aprendizados que tive a partir da palhaçaria?

Não procuro respostas para essas perguntas, mas apenas lembrar de minha incompletude e ignorância e, assim, aquietar a minha alma. (Relato pedagógico a partir de experiência vivenciada na Escola Municipal Paulo Roberto de Moraes Loureiro, no município de Duque de Caxias/RJ, com uma turma de 1º ano, em setembro de 2022).

Era uma roda de conversa sobre experiências dos estudantes a partir de suas vivências como pessoas surdas. Falavam de acontecimentos e memórias de suas vidas. Queríamos, em nossa oficina pedagógica, conversar sobre culturas surdas, sentimentos, preconceitos e

ouvintismo. Em certa altura, mostrávamos imagens, vídeos e trechos de textos para fomentar a conversa. Em um dos vídeos, havia um cachorro amarrado, compondo a cena da frente de uma casa, onde algumas pessoas conversavam em português oral. Durante a roda de conversa, uma estudante adulta surda relatou:

- O vídeo me fez lembrar da infância. Às vezes me sentia como o cachorro do filme e queria fugir. Estava ali, amordaçada, não entendia o que falavam nem sabia falar. Não conseguia dizer o que queria, me fazer entender. Era muito triste!

A fala da estudante nos afetou. Nenhuma teoria pode dar conta de significar o que ela narrava com aquela vivência marcada na pele, pura experiência: o ouvintismo causa danos psicológicos, sentimentos de inferioridade, silenciamento e outros desafios que nós, ouvintes, nem imaginamos. O sentido do lema da comunidade surda grita: “nada sobre nós sem nós”. Poderemos fazer educação de surdos sem escutar visualmente e aprender com as pessoas surdas? O que significa se sentir amordaçado, silenciado, cerceado do direito de se dizer e narrar no mundo? Pode uma educação como modo de afirmar as múltiplas vozes dos sujeitos? (Trecho de relato pedagógico a partir de experiência vivenciada no Instituto Nacional de Educação de Surdos, Rio de Janeiro, em oficina pedagógica sobre surdez e diferenças, em agosto de 2023).

Pelo limite deste ensaio e em respeito às normas de extensão da revista, momentaneamente nos despedimos, ensaiando passos indagativos: pode a narrativa e a escrevivência falarem por si? Podem ser afirmadas como gestos indagativos, políticos e vitais? Pode o *narrar a vida* nutrir outras formas de grafar e partilhar a pesquisa, borrando os limites entre investigação e vida, ciência e arte? Literaturizar a ciência?

## REFERÊNCIAS

ALVES, N. Decifrando o pergaminho: o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, I. B.; ALVES, N. (orgs.). **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas**: sobre redes de saberes. 3ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2008.

CERTEAU, M. **A Invenção do Cotidiano**: Artes de fazer. 13ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. (Orgs.). **Escrevivências**: a escrita de nós. Rio de Janeiro: Mina de Comunicação e Arte, 2020.

ESTBAN, M. T. Sujeitos singulares e tramas complexas: desafios cotidianos ao estudo e à pesquisa. In: GARCIA, R. L. (Org.). **Método**: pesquisa com o cotidiano. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

FERRAÇO, C. E. **Eu, caçador de mim**. In: GARCIA, R. L. (Org.). **Método**: pesquisa com o cotidiano. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GODOY, R. L.; RAMALLO, F.; RIBEIRO, T. **Investigaciones-vidas en educación**: conversar, escuchar, constelar. La Serena: Universidade de La Serena, 2023.

GUEDES, A. O.; RIBEIRO, T. **Pesquisa, alteridade e experiência**: metodologias minúsculas. Rio de Janeiro: Ayvu, 2019.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RIBEIRO, T.; SKLIAR, C. **Escolas, pandemia e conversação**: notas sobre uma educação inútil. Série-Estudos - Periódico Do Programa De Pós-Graduação Em Educação Da UCDB. Mato Grosso do Sul, n.55, set/dez. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.20435/serie-estudos.v0i0.1484>. Acesso em: 14 abr.2022.

RIBEIRO, T. **Por uma alfabetização sem cartilha**: narrativas experiências compartilhadas no Fórum de Alfabetização, Leitura e Escrita da UNIRIO. 2019. 200f. Tese (Tese de Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Escola de Educação, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

RIBEIRO, T.; SAMPAIO, C.; SOUZA, R. **Conversa como metodologia de pesquisa**: por que não: Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

RICOUER, P. **Tempo e Narrativa 2**: A configuração do tempo na narrativa de ficção. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

SILVA, A. G. **Subjetividades negras surdas**: rompendo o silêncio na educação de jovens e adultos. 2022. 193 f. Tese (Tese de Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Instituto de Psicologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2022.